

ANTONIO CANDIDO E OS ESTUDOS SOBRE A FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO MEXICANO. REFLEXÕES SOBRE UM *EMPENHO*

[MEXICAN LITERARY SYSTEM FORMATION STUDIES AND ANTONIO CANDIDO.
REFLECTIONS ON AN *ENDEAVOR*]

Víctor Manuel Ramos Lemus¹

ORCID 0000-0002-1529-2814

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Nas últimas décadas, as pesquisas sobre a literatura no México vêm dando resultados significativos para a compreensão da formação, da especificidade e das transformações do seu sistema literário. Nesses empreendimentos, percebe-se o impacto das ideias de Antonio Candido (junto às de outros pensadores de igual relevância). Este artigo pretende levantar alguns elementos (formação do sistema, missão e sociabilidade literária) em que se sustentam essas pesquisas no México e que têm o pensamento de Antonio Candido como uma de suas diretrizes privilegiadas.

Palavras-chave: Antonio Candido; literatura mexicana; literatura como sistema.

Abstract: In the last decades, research on literature in Mexico yield new clues to understand the formation, specificity and transformations of its literary system. In such endeavours, the impact of Antonio Candido's ideas (along with those of other thinkers of equal relevance) is perceived. This article intends to raise some elements (formation of the system, mission and literary socialization) from the investigations in Mexico developed in the light of Antonio Candido's thought.

Keywords: Antonio Candido; Mexican literature; literature as a system.

Para bem ou para mal, um sistema literário é uma força histórica, e funciona como um filtro... Num país culturalmente a reboque, como o nosso, onde as novidades dos centros mais prestigiosos têm efeito ofuscante, a existência de um conjunto de obras entrelaçadas, confrontadas entre si, lastreadas de experiência social específica, ajuda a barrar a ilusão universalista que é da natureza da situação de leitura, ilusão a que é levado todo leitor, especialmente quando, com toda razão, busca fugir à estreiteza ambiente.

Roberto Schwarz.

Literatura como sistema

Em uma homenagem a Antonio Candido realizada na cidade de Marília, São Paulo, entre 31 de maio e 2 de junho de 1990, Luiz Costa Lima afirmou:

Não será excessivo dizer-se que a atividade crítico-literária no século XX se enraíza em três eixos. Forma o primeiro a questão da especificidade da linguagem literária, o segundo, a relação da linguagem literária com a sociedade, e o terceiro, a ideia de literatura nacional [...] a ideia de literatura nacional se impusera desde o século XIX, como desdobramento do privilégio concedido ao estado-nação, ao passo que os dois primeiros eixos fixaram-se no século [XX], até mesmo por reação à exclusividade das histórias nacionais. (COSTA LIMA, 1992, p. 153)

De acordo com o autor, conquistada a autonomia literária – processo paralelo à ideia da formação e consolidação dos Estados nacionais –, era possível afirmar a estabilidade das obras, dos gêneros e dos autores que compunham a *Biblioteca* do sistema literário no Brasil. Daí em diante, restava estudar as obras em sua dimensão formal, entanto estruturas de significação dotadas de traços que lhes conferiam *literariedade*, ou em sua relação (por diferença, complementariedade e até oposição) com outras áreas ou disciplinas claramente distintas, como a História, a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e, em geral, as Ciências Sociais.

Mesmo que ainda seja necessário fazer algumas precisões à tripartição da crítica literária no século XX, descrita de maneira positivista por Costa Lima, são inegáveis o pioneirismo e a originalidade da *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*, de 1959, texto em que é central uma noção cunhada pelo próprio Candido: a de “sistema literário” (LABASTIDA, 2003, p. 18; LAJOLO, 2003, p. 56). De acordo com ele, em literatura, nada surge *ex nihilo*, e a essa regra até sua pesquisa estava sujeita, já que tinha como antecessor José Veríssimo, que afirmara:

[...] esta nossa literatura que, como ramo da portuguesa, tem já perto de quatro séculos de existência, não possui a continuidade perfeita, a coesão, a unidade das grandes literaturas [...]. Faltou-lhe sempre a comunicabilidade, isto é, os seus escritores [...] ficaram estranhos uns aos outros. E não me refiro às comunicações pessoais, de valor secundário, senão às intelectuais, estabelecidas pelas obras. As diversas influências que se podem notar em nossos mais notáveis movimentos literários são todas exteriores [...] Como se diz em tática militar, o contacto jamais se estabelece entre os escritores ou entre o seu pensamento. Esta falta de contacto continua ainda hoje [...]. Faltou sempre o elemento transmissor, o mediador plástico do pensamento nacional, um povo suficientemente culto [...]. Na constituição de uma literatura o povo tem simultaneamente um papel passivo e ativo: é dele que parte e é a ele que volta a inspiração do poeta ou do pensador. (ROMERO *apud* ARANTES, 1992, p. 236-237)

Retomando estas afirmações de José Veríssimo (constelação em que é preciso incluir também a Sílvio Romero), o trabalho de Antonio Candido rendeu estupendos frutos aos estudos sobre a literatura brasileira, já que estabeleceu os fundamentos para pensá-la e discuti-la como um conjunto que nem sempre se harmoniza. Três críticas, sujeitas elas também a debate, têm sido feitas aos fundamentos de sua obra. A primeira é a de ter situado polemicamente a formação entre o *Arcadismo* e o *Romantismo*, e não a partir do *Barroco*, o que lhe valeu as objeções de Haroldo de Campos, que, em 1989, publicou *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: O caso de Gregório de Mattos*. A segunda, a de fazer do eixo Rio-São Paulo uma sinédoque do Brasil, extrapolando a formação social e econômica dessa região a todo o país – tese que se encontra em “A formação vista desde o sertão”, de Luís Augusto Fischer. A terceira, decorrente da anterior, é a de ter colocado o *modernismo paulista*, com sua ânsia em se equiparar às literaturas do centro europeu, como parâmetro das distintas manifestações culturais do país. Mesmo assim, essas críticas reconhecem na *Formação* uma obra central para pensar a literatura brasileira.

É preciso dizer, no entanto, que o impacto de sua obra sempre ficou aquém dos achados que propunha. Num país como o Brasil, a reboque das ideias geradas nas metrópoles do capitalismo, como adverte Roberto Schwarz em *As ideias fora do lugar*, a tentativa de estabelecer um chão para refletir sobre a cultura nacional sempre esbarrou nas modas teóricas, importadas muitas vezes sem muita reflexão.

Um dos impasses que a *Formação*, precocemente, driblou com elegância foi a pergunta “o que é literatura?”. Livre dos *formalismos* que entraram na moda a partir da década de 1960, a que seguiu o *estruturalismo*, a obra de Antonio Candido não sucumbiu a qualquer tentação de especificidade *formal*, e menos ainda de *autonomia* absoluta da

literatura perante outras esferas do conhecimento. Em sua *Teoria Literária* (publicada em 1983, 24 anos depois da *Formação*), o crítico inglês Terry Eagleton confirma o que os leitores de Antonio Candido já sabiam:

Não existe uma “essência” da literatura. [...] Como os filósofos diriam, “literatura” [é um termo *funcional* e não *ontológico*, que se refere a] o papel de um texto... num contexto social, suas relações com o ambiente e suas diferenças com esse mesmo ambiente, a maneira pela qual se comporta, as finalidades que lhe podem ser dadas e as práticas humanas que se acumularam à sua volta. “Literatura” é, nesse sentido, uma definição puramente formal, vazia. [...] Significa que podemos abandonar, de uma vez por todas, a ilusão de que a categoria “literatura” é “objetiva”, no sentido de ser eterna é imutável. [...] Qualquer ideia de que o estudo da literatura é o estudo de uma identidade estável e bem definida... pode ser abandonada como uma quimera. (EAGLETON, 1997, p. 12-15)

Crítico dos postulados do *modernismo vanguardista*, que concebe a literatura como uma prática que envolve *o melhor da vida do Espírito*, mas sem abrir mão do seu *valor civilizatório*, Antonio Candido ampliou a noção de literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 176)

As atuais críticas ao cânone, assim como a incorporação de objetos como a literatura de cordel, os gêneros de massas, como o romance policial, a música, os HQ's, assim como as obras oriundas de diversas “minorias”, que colocam em xeque a ideia de valor “estético”, encontram na obra de Candido a sustentação que não dava uma teoria centrada apenas nas *belas letras*.

Outro ponto em que a *Formação* revela sua atualidade diz respeito aos debates sobre a especificidade *discursivo-cognitiva* da literatura perante a História e as Ciências Sociais, assim como de sua *autonomia institucional*. Hoje, é frequente a pretensão de constatar o fim da autonomia da literatura, que significa:

[...] o processo de encerramento da literatura autônoma, aberta por Kant e a modernidade. O fim de uma era em que a literatura teve uma lógica interna e um poder crucial. O poder de definir-se e ser regida por suas próprias leis, com instituições próprias (crítica, ensino, academias) que debatiam publicamente sua função, seu valor e seu sentido. Debatiam, também, a relação da literatura, ou a arte, com as outras esferas: a política, a economia, e também sua relação com a realidade histórica. Autonomia, para a literatura, foi especificidade e auto-referencialidade, e o poder de nomear-se e referir-se a si mesma. E também o modo de ler-se e mudar-se a si própria. (LUDMER, 2010, p. 153)

Observa-se que essa hipótese descansa na impossibilidade de determinar uma exclusividade do discurso literário, assim como de separar o artista puro do intelectual com funções públicas. De acordo com o que foi levantado até agora, se, para Antonio Candido, em termos formais, não há uma especificidade do literário, cabendo nele manifestações as mais variadas e dos mais diversos registros, os postulados do *modernismo vanguardista* que animavam a consideração sobre “literatura” sempre no registro “alto” e específico, não têm vez. Para ele, a literatura, com relação a outras esferas, possui

uma *autonomia relativa*, que tanto considera as correlações entre autores, obras, teorias, quanto entre obras, sociedade, leitores, mundo, vida. Daí resulta algo que, embora aceito por muitos, teoricamente, poucos conseguem desenvolver na prática: a capacidade de articular dinamicamente a forma literária com a estrutura social, com a história. (CHIAPPINI, 1992, p. 170-171)

Para além do que foi levantado até aqui sem maiores aprofundamentos, quiçá seja melhor focar na ideia de *sistema literário*, aspecto em que a *Formação* se revelou frutífera. Para Antonio Candido, a formação de um sistema literário (usando aqui terminologia alheia a ele, mas que pode ser útil nesta brevíssima exposição) se explica pela combinação de um eixo sincrônico e um eixo diacrônico – condensados ambos na formulação do seu famoso tripé: *autores, leitores e mecanismo transmissor*:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar *distinguindo manifestações literárias de literatura propriamente dita*, considerada aqui *um sistema de obras ligadas por denominadores comuns*, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), *certos elementos de natureza social e psíquica*, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de *produtores literários*, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de *público*, sem os quais a obra não vive; *um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos)*, que *liga uns aos outros*. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 1997, p. 23, grifo meu)

De maneira sincrônica, a condição *moderna* da formação salta aos olhos: ela ocorre quando um escritor (enquanto produtor) oferece uma obra (mercadoria, bem simbólico *compressível*, segundo o formulou em “Direito à literatura”) a um leitor (comprador ou consumidor). A persistência e a continuidade dessa relação ao longo do tempo

(diacrônica), na medida em que consolida formas, estilos, obras, autores, gêneros e subgêneros, forma “uma tradição” (CANDIDO, 1997, p. 24), expressada na ideia de literatura nacional. A articulação dos eixos sincrônico e diacrônico deu como resultado, até hoje, a *literatura brasileira*, a *mexicana* e, em geral, a literatura como sistema.

Nas páginas a seguir, abordaremos a maneira como as ideias de Antonio Candido contidas na *Formação* vêm dando frutos na crítica literária no México.

Formação (e limites) da literatura no México. Uma literatura *empenhada*.

Contemporâneo a Candido, no México, José Luis Martínez publicou *La expresión nacional*, texto de 1955 (mas escrito entre 1947 e 1952) em que fez um balanço da literatura mexicana do século XIX até então. Apesar de, no intervalo, ter havido estudos que procuravam visões de conjunto, somente em 2010 apareceu, de Jorge Ruedas de la Serna, *La formación de la literatura nacional (1805 – 1850)*. Para além de qualquer explicação, é preciso esclarecer que, entre o texto de Martínez (1955) e o de Ruedas de la Serna (2010), transcorreu o auge do *estruturalismo*, dos distintos *formalismos*, da *sociologia*, do *pós-estruturalismo*, dos *estudos culturais* e outras formas de crítica literária em que o tema da *formação* do *corpus*, da ideia de *sistema* e das obras dentro de uma tradição nacional é secundário.

Surpreende, no entanto, que o tema da *formação* em José Luis Martínez compartilhe, de alguma maneira, pressupostos similares aos de Antonio Candido. Se, para este último, a formação da literatura brasileira começa na relação entre *Arcadismo* e *Romantismo*, completa-se na madura obra de Machado de Assis (que discerniu a importância de retomar os antecessores) e tem como ponto culminante o *modernismo*, no caso de José Luis Martínez, seu fundamental livro, que abre com *La Arcadia de México*, aparece justamente quando, segundo a crítica literária, se completa a formação da literatura mexicana, com a denominada *Generación del Medio Siglo* ou *Generación de la Casa del Lago*.

De acordo com Jorge Ruedas de la Serna (que neste caso se apoia tanto nas ideias de José Luis Martínez como de Antonio Candido – de quem foi, famosamente, *o último orientando*, empreendimento de que resultou o livro *Arcádia: tradição e mudança*, 1995), é com o movimento *árcade*, a partir de 1805, que começa a formação da literatura mexicana:

a literatura se forma... quando surge o público [...] o processo de formação do sistema literário nacional se vislumbra a finais do século XVIII. É então quando, por primeira vez, os escritores começam a cobrar consciência de que aqui, em sua própria terra, está o público capaz de entender o sentido imanente de sua obra; ao mesmo tempo que vai surgindo, aqui também, um círculo de leitores instruído e receptivo, de maneira que entre escritores e público se estabelece uma comunicação através da qual expressam suas inquietações, apreensões e expectativas, assim como suas fantasias, devaneios e quimeras. (RUEDAS DE LA SERNA, 2010, p. 15, 24-25)

É preciso frisar que o empreendimento de Ruedas de la Serna visava a justificar o uso do gentílico (literatura *mexicana*), e não a locução adverbial de lugar (literatura *no México*), pois, ao longo dos três séculos de vida colonial, existiu uma literatura que hoje se denomina *literatura novohispana*. Embora no *Vice-Reinado de La Nueva España* a produção escrita fosse abundante (o que fez dizer o poeta Hernán González de Esclava, com preconceito, que havia “mais poetas que esterco” [ESLAVA *apud* BLANCO, 2002, p. 20]), cultivavam-se as mesmas formas que na Metrópole. Poesia de missão religiosa, poesia narrativa de heróis, poesia cortesã e cavalheiresca de influência renascentista, poesia barroca, poesia didático-moral, as mais diversas formas do teatro, entre outras, eram os gêneros que dominavam as formas da escrita. De acordo com José Joaquín Blanco, isso se devia ao fato de que os *novohispanos*, mais do que se considerarem *Colônia*, concebiam-se como participando de um *novo reino*:

Daí que quisessem inovar pouco e imitar muito; criar pouca obra original e trasladar toda a literatura castelhana às Índias, como quem carrega toda a agricultura, a pecuária, a arquitetura da metrópole às novas terras. Abundam os introdutores, os artífices, os praticantes, não os inventores de literatura. [Eles se importavam] com as semelhanças que seus traslados, enxertos, implantações, tinham com o original espanhol. Que ninguém falasse que um indiano fazia menos bem um soneto ou uma oitava que um espanhol. Era de maior mérito parecer-se muito a Garcilaso ou a Góngora, que inventar localismos. (BLANCO, 2002, p. 25-26)

Mas o nascimento da literatura *mexicana* não apenas coincide com a *Independência* (1821), quando o país passa a ser México, mas também ocorre porque um símbolo como a Virgen de Guadalupe unifica a todos (RUEDAS, 2010, p. 91-116), inaugurando o *instinto de nacionalidade*. Para além da coloração e do teor do engajamento – Christopher Domínguez Michael, referindo-se a esse período inaugural, afirma que, enquanto os poetas da *Arcadia de México* eram uma “inovação retrógrada” (DOMÍNGUEZ MICHAEL, 2019, p. 16), tendo em vista que seu ideal literário pressupunha o século das luzes, *El periquillo sarniento*, romance de José Joaquín Fernández de Lizardi, conectava já com uma sociedade transformada pela modernidade no século XIX –, esses autores já

representavam um passo na *formação da literatura mexicana*. Esse processo de mais de um século, pontuado por diversas guerras e conflitos que afetaram a consolidação da literatura enquanto discurso e prática autônomos, somente se completa com a *Generación del Medio Siglo*, no século XX, quando finalmente se abandona a ideia de que a literatura deva cumprir com outras funções que não apenas a *literária* (PEREIRA, 2019, p. 188).

A seguir, faremos uma breve exposição das ideias que embasam esse argumento. Para isso, utilizaremos principalmente três empreendimentos centrais nessa reflexão: a coletânea *La República de las Letras. Asomos a la cultura escrita del México decimonónico* (2005), organizada pelas pesquisadoras Belem Clark de Lara e Elisa Speckman Guerra; a coletânea *Doscientos años de narrativa mexicana* (2010), organizada por Rafael Olea Franco; e os seis volumes da *Historia de la literaturas em México* (2018 – 2020), organizados por diversos pesquisadores da UNAM. De maneira complementar, serão utilizados trabalhos de conjunto que dialogam com esses três empreendimentos, como os de Christopher Domínguez Michael e Víctor Díaz Arciniega.

Dialogando com os trabalhos de José Luis Martínez, Jorge Ruedas de la Serna e Fernando Tola de Habich – de quem reformula seu modelo de compreensão histórica –, Belem Clark de Lara, na introdução de *La república de las letras. Asomos a la cultura escrita del México decimonónico. Volumen 1*, “¿Generaciones o Constelaciones?”, divide a formação da literatura mexicana no século XIX em quatro etapas: a) Neoclassicismo (1801 – 1835); b) Romantismo (1836 – 1867); c) Nacionalismo literário (1867 – 1889), quando finalmente se forma a *República das letras* no México; e d) Modernidade (1888 – 1910), em que o auge da crônica e do jornalismo representa um primeiro passo rumo à autonomia do literário pela via de sua profissionalização. (CLARK DE LARA, 2005, p. 16, 45).

Como José Luis Martínez lembra oportunamente, foi em 1839, na apresentação do terceiro número de *El Año Nuevo*, publicação anual que recolhia os trabalhos poéticos dos membros de *La Academia de Letrán*, que o poeta romântico Ignacio Rodríguez Galván escreveu: “se [o volume] tem algum mérito, não será outro senão o de *provar o empenho constante dos seus autores em contribuir com outros mexicanos estudiosos*, cuja superioridade reconhecem, *em ter uma literatura nacional*” (RODRÍGUEZ GALVÁN *apud* MARTÍNEZ, 1993, p. 47, grifo meu). De maneira similar, “a vontade de fazer *literatura brasileira*” (CANDIDO, 1997, p. 25) foi um elemento determinante na

formação no Brasil. Com o intuito de aprofundar essa questão, em meados da década de 1990, Jorge Ruedas de la Serna ofereceu um

seminário de crítica literária na pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Letras [da UNAM], e distribui, aos meus alunos, ensaios de escritores mexicanos representativos do século XIX, que tinham por objeto uma reflexão sobre o caráter e a natureza da literatura mexicana, e que eu tinha reunido ao longo de minhas investigações historiográficas durante vários anos. Pedi a eles que, quando fosse oportuno, editassem o texto de acordo com as normas editoriais vigentes e escrevessem um breve esboço biográfico do autor. Todos os trabalhos foram lidos e discutidos no seminário, que contou com a participação de todo o grupo, durante um ano inteiro, com admirável perseverança e assiduidade. Os alunos, que estavam cursando mestrado ou doutorado, hoje são pesquisadores independentes reconhecidos. (RUEDAS DE LA SERNA, 2014, p. 7)

Desse curso derivou uma obra fundamental para compreender a formação da literatura mexicana durante o século XIX: *La misión del escritor*, publicada originalmente em 1996 e reeditada somente em 2014. Esse compêndio se alimenta não apenas das indicações de José Luis Martínez, Fernando Tola de Habich, Alvaro Matute, María del Carmen Ruiz Castañeda e outros pesquisadores *empenhados*, mas também da *Formação*, que o próprio Ruedas de la Serna faz questão de citar:

Como não há literatura sem fuga ao real, e tentativas de transcendê-lo pela imaginação, os escritores se sentiram frequentemente tolhidos no vôo, prejudicados no exercício da fantasia pelo peso do *sentimento de missão*, que acarretava a obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alicerce geral. (CANDIDO, 1997, p. 26, grifo meu)

O espírito de *missão* na literatura mexicana do século XIX se percebe não apenas no teor pedagógico ou de registro dos costumes que as obras *de ficção* assumem, mas também nos diversos manifestos e polêmicas que são travadas.

Voltando aos quatro períodos em que o século XIX tem sido dividido pela crítica literária, é possível acompanhar as transformações da *missão*: de uma ideia de literatura em que predomina o caráter moral e pedagógico, passa-se a debates sobre a língua. O surgimento do tema do *indígena* inaugura a questão sobre “o ser do mexicano”, que, por mais de 100 anos, vai marcar boa parte do debate no país. Posteriormente, com a *República das letras*, sob a influência do escritor e político Ignacio Manuel Altamirano, consolida-se a consigna de representar “o povo” e construir a pátria através do registro da história nacional. Finalmente, com o *modernismo* e os debates entre nacionalismo e cosmopolitismo, consolida-se a missão de produzir uma literatura “literária”, livre de outras funções que não a puramente estética. Desta forma, o caráter *empenhado* da

literatura no México se torna patente no *desejo*, por parte de escritores, leitores, políticos e intelectuais oitocentistas, *de ter uma literatura*.

A luta armada de 1910 a 1920, conhecida como *revolução mexicana*, interfere no andamento das gerações e dos movimentos literários. Caso emblemático é o dos escritores do *Ateneo de la Juventud Mexicana*, posteriormente conhecidos como o *Ateneo de México*, geração a que pertenciam intelectuais destacados, como Alfonso Reyes, José Vasconcelos, Pedro Henríquez Ureña e outros. A partir da década de 1920, surge o denominado *nacionalismo pós-revolucionário*, que consolida o movimento muralista e *la novela de la revolución*, formas artísticas em que a *missão pedagógica e política* se sobrepõe (ou ressignifica, subordinando-a) à função *estética*. A polêmica que resume os debates no período está registrada no fundamental livro de Víctor Díaz Arciniega, *Querrela por la cultura revolucionaria* (1925), em que o imperativo por uma literatura preocupada com o tema do nacionalismo e do registro dos costumes e por um apego aos feitos históricos é postulado através do problemático rótulo de *literatura viril* versus *literatura afeminada*. Para seus formuladores, “literatura afeminada” é aquela preocupada em ser cosmopolita, quer dizer, *estetizante* (DÍAZ ARCINIEGA, 2010, p. 72-129).

É preciso dizer que o *nacionalismo pós-revolucionário*, que compreende *la novela de la revolución* e outras formas de narrativa *empenhada* (*indigenista, social, proletária* [DOMINGUEZ MICHAEL, 1996, p. 16-17]), esgota-se a partir da segunda modernização capitalista no México, ocorrida no pós-guerra. A consolidação da vida urbana e a industrialização maciça, marcarão fortemente a produção literária. O aumento do número de leitores a par da produção artística de outras latitudes provocará não apenas uma maior profissionalização dos escritores, mas tornará mais exigente a indústria do livro, das revistas e dos suplementos culturais e literários.

É por isso que, de maneira paralela, durante a primeira metade do século XX, também se produz uma literatura que se pretende *cosmopolita e universalista*. Na poesia, é possível encontrar esse empenho nos *Estridentistas*, nos *Contemporáneos* e na geração de *Taller*. Na prosa, o fenômeno se observa nas elaboradas estruturas utilizadas por Juan José Arreola, Juan Rulfo e outros autores que, para além de qualquer elemento pitoresco, resistem já a uma leitura *literária*:

[Finalmente] estamos diante de escritores que tomam a pena sem outro objetivo que a narração de vidas no mundo. Um exercício tão natural não teria sido possível sem um acerto de contas com o nacionalismo e a crescente defesa da autonomia literária que fizeram, em

três tempos, os ateneístas, os Contemporâneos e o grupo da revista Taller. Em poesia, o litígio começara a ser ganhado desde o modernismo. Mas para a narrativa – dada sua suposta função social – o decurso tinha sido mais difícil. Antes do meio século e do grupo de narradores que ora nos ocupamos, a prosa de imaginação havia sido ofício quase clandestino de poetas e ensaístas, enquanto que o romance e o conto, com o declínio da épica, afundaram num realismo lúgubre e panfletário. (DOMÍNGUEZ MICHAEL, 1996, p. 1036-1037)

Portanto, é possível perceber que, para os pesquisadores atuais, a *literatura mexicana* se forma plenamente entre a *Arcadia de México* (1805) e a *Generación del Medio Siglo* (1950). Salvo engano, encontram-se aí os pressupostos de Antonio Candido na *Formação*.

Recapitulando, a literatura mexicana começa quando, para além da luta pela *Independência* (1810 – 1821), surge em poetas e narradores o interesse pela “especificidade do México”. Neles se observa não apenas o desejo de registrar sua terra, mas o empenho de produzir obras com a finalidade patriótica de formar um público local. A *missão* de criar uma literatura, ao longo do século XIX, esbarra em duas funções até então consolidadas: a moral-pedagógica e a do registro dos costumes próprios do país. O elemento estético surge cedo no horizonte; no entanto, ele não se firma por causa dos diversos movimentos políticos que não apenas chocam a sociedade, como interferem na atividade artística, fazendo com que os escritores se coloquem, também, como intelectuais e figuras públicas. A literatura, como prática institucional autônoma e forma discursiva diferenciada, somente se consolida durante o capitalismo de *substituição das importações* e a consolidação de uma cultura predominantemente urbana, momentos indispensáveis para uma atenção à dimensão estética das obras. O caráter moderno da equação salta aos olhos na consideração do escritor como produtor e do leitor como consumidor de um bem compressível, que, independentes da interferência do Estado, encontram-se como sujeitos livres no mercado de produção de bens simbólicos. A continuidade dessas relações, consolidando um repertório de temas, obras, autores, movimentos, grupos e poéticas, influencia a formação de um cânone e um *corpus* denominado *literatura mexicana*, que, pelo visto, possui uma *autonomia relativa*.

Empenho e sociabilidade na formação da literatura mexicana: um breve percurso

Voltando à *Formação da literatura brasileira*, é preciso afirmar que o célebre tripé em que se sustenta a ideia de *sistema literário* se completa com um elemento que

possibilita sua *racionalidade*: o momento da crítica. De acordo com Max Weber, cujas ideias foram introduzidas na USP por Antonio Candido em suas aulas de sociologia, a racionalização de todas as esferas da vida humana é própria da modernidade capitalista. Na literatura, a crítica é o elemento que possibilita suas articulações e transformações. Referindo-se ao século XX mexicano, Jorge Ruedas de la Serna alerta para “a inexistência de uma crítica independente e profissional, [fenômeno que] obedece à fase de sistematização inicial, e por isso de escassa especialização, da literatura nacional” (RUEDAS DE LA SERNA, 2014, p. 14). O *momento da crítica* se materializa no intenso debate do qual participam diversas instâncias:

O século XIX, desde seus começos, abrigou a criação de redes e grupos literários que foram se constituindo ao redor de arcádias, sociedades, academias, salões literários, liceus, ateneus, tertúlias, inclusive diversos organismos de imprensa. Estas agrupações deram espaço à discussão de inúmeros temas, dentre eles os políticos, literários, sociais e ideológicos. Estes intercâmbios intelectuais tiveram lugar em distintos espaços, tanto públicos como privados, onde os letrados mostravam e compartilhavam suas composições literárias para que fossem comentadas e avaliadas pelos confrades. [...] Por outra parte, é conveniente lembrar que o sentido das agrupações literárias do século XIX radicava sobretudo em propiciar a integração do sujeito letrado nas instituições, nos padrões de sociabilidade e nos mecanismos de obtenção de promoção social e prestígio próprios do mundo dos literatos. Nessas agrupações se consolidavam amizades e colaborações que não somente davam fruto no terreno da criação literária, mas também no da política; ali tinham efeito mecanismos de avaliação de obras de acordo com o gosto predominante; e ali, finalmente, tinha lugar a consagração de uma trajetória intelectual. (MARTÍNEZ LUNA, 2018, p. 12-14)

No século XIX, o momento da crítica possuía uma materialidade muito mais evidente do que hoje, já que ela não estava determinada apenas pela figura do crítico, seu ponto de vista e sua ideologia, mas passava pelas instituições, os grupos, os espaços e outras formas de sociabilidade literária. Era a partir dessas instâncias (articuladas em revistas, jornais, tertúlias, cenáculos, etc.) e das ideias e teorias que as uniam, congregavam e identificavam que se construía o fenômeno literário no século XIX. Entendido assim, o momento da crítica era responsável pela formação dos autores e obras, dos elementos do mecanismo transmissor e dos leitores.

Recuperando a importância que tem nessa reflexão o romantismo enquanto período estético e cultural (já que é aí que acontece um dos *momentos decisivos* da formação do sistema literário no México), não se trata de ver o momento da crítica como um simples julgamento sobre as obras, aprovando-as ou rejeitando-as, mas como aquilo que, de

maneira dupla, as completa. Em *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, Walter Benjamin afirmou:

Todo conhecimento crítico de uma conformação, enquanto reflexão nela, não é outra coisa senão um grau de consciência mais elevado da mesma, gerado espontaneamente. Esta intensificação da consciência na crítica é, a princípio, infinita; a crítica é, então, o médium no qual a limitação da obra singular liga-se metodicamente à infinitude da arte e, finalmente, é transportada para ela, pois a arte é, como já está claro, infinita enquanto médium-de-reflexão. [...] Está claro: para os românticos, a crítica é muito menos o julgamento de uma obra do que o método do seu acabamento. (BENJAMIN, 1999, p. 76-77)

A crítica é a esfera em que se organizam, se constroem, se estruturam, se regulamentam, se discutem e polemizam, se ampliam, se transformam, se subvertem, se reconstroem e se questionam profundamente os alicerces, e até a razão de ser, do *corpus* que constitui o sistema ou a *Biblioteca*. Mas não somente isso. Como se não bastasse, a *vontade de ter uma literatura*, por parte desses criadores-agrimensores que são os escritores-intelectuais, os editores e donos de jornais e periódicos, e os políticos e funcionários, revela-se nos esforços que fizeram para fomentar a criação de um público leitor.

Nos diversos empreendimentos realizados atualmente por pesquisadores no México para entender a formação, é fundamental o aspecto da *sociabilidade literária*. Nas páginas a seguir, destacaremos brevemente *cinco instâncias* que permitem compreender o *caráter empenhado* na formação da literatura mexicana. São estes: publicações, instituições, grupos e associações, antologias e coletâneas e a crítica propriamente dita.

Antes que o século do livro, o século XIX o é das revistas, dos jornais, dos folhetos e dos periódicos, a imensa maioria era de pequeno porte e de vida efêmera. Essas publicações não eram apenas o espaço em que se reuniam os pares e o local que servia para identificar suas ideias, elas foram também os divisores das distintas tendências. Enquanto tribuna de onde se lançavam programas, se faziam pronunciamentos e se travavam polêmicas que davam vida à atividade literária, foram responsáveis por construir tradições.

No começo da formação, *El Diario de México* (1805 – 1812; 1817) era o órgão da *Arcadia de México*, grupo que polemizava com *El pensador Mexicano* (1812), de José Joaquín Fernández de Lizardi. Posteriormente, *El Iris* (1826), dos italianos Claudio Linati

e Florencio Galli e do cubano-mexicano José María Heredia, foi responsável pelas primeiras proclamas associadas ao espírito romântico.

El recreo de las familias (1837 – 1838), espelhando a revista madrilenha *El Artista*, e *El Año Nuevo* (1837 – 1840) foram o laboratório de escrita dos célebres membros de *La Academia de Letrán* em seu intento de *nacionalizar* a literatura no México, já que, até então, boa parte dos materiais dessas revistas culturais eram traduções. Por sua parte, *La Ilustración Mexicana* (1851 – 1855) foi o órgão dos membros de *El Liceo Hidalgo*, editada por Ignacio Cumplido, e tinha como propósito explícito difundir a literatura entendida como um saber importante de caráter social, com caráter nacional (daí a inclusão de matérias e ilustrações sobre geografia, clima e agricultura) e divulgação de obras satíricas e de costumes.

Importante será *El Renacimiento*, a efêmera revista que tentou conciliar liberais e conservadores sob a figura de Ignacio Manuel Altamirano; assim como, posteriormente, as revistas *Azul* (1894 – 1896), *Moderna* (primeira época, 1898-1903; segunda época, 1903-1911) e *Savia Moderna* (1906) serão os foros que marcam o auge e o declínio do *modernismo* durante os anos da ditadura de Porfirio Díaz.

No século XX, no período do *nacionalismo pós-revolucionário*, que começa na década de 20, com o *muralismo* fomentado desde o Estado, revistas como a *Revista de literatura mexicana*, de maneira empenhada, buscam uma *expressão nacional*. De maneira paralela, outras, como as dos estridentistas, *Horizonte* e *Irradiador*, ou *Contemporáneos*, do grupo homônimo, ou ainda a *Revista Pan* (onde Juan Rulfo, Juan José Arreola e outros começam a publicar seus primeiros textos), são centro de exposição de ideários e polêmicas que contribuem para a *consolidação do sistema*, fenômeno que se torna manifesto na existência da *Revista mexicana de literatura*, que, mais do que se preocupar em criar uma literatura mexicana, constata que esta já está formada: “A *Revista mexicana de literatura*, de claro corte cosmopolita, surgiu em clara oposição à outra revista anterior, de caráter nacionalista: a *Revista de literatura mexicana*, fundada em 1940 por Antonio Castro Leal” (ROSADO; CASTAÑÓN, 2008, p. 299).

De igual importância são todas as formas de *sociabilidade literária* – academias, liceus, tertúlias, ateneus, saraus e encontros em cafés ou bares – enquanto espaços de apresentação de obras e ideias, de contatos e aprendizado, de consolidação de formas estéticas e da proclamação de distintas *missões* para a literatura.

Importantes, como já foi dito, foram *La Academia de Letrán*, *El Liceo Hidalgo* e os encontros ao redor da revista *El Renacimiento*. De igual relevância foram as tertúlias, como a de Rosario de la Peña y Llerena, a dama triste do modernismo mexicano, imortalizada no célebre *Nocturno a Rosario*, do poeta suicida Manuel Acuña. Não pode faltar uma consideração sobre os bares e cafés, desde *El Veroly*, onde se reuniam os membros de *La Academia de Letrán* (CAMPOS, 2018, p. 155), até *La Concordia*, onde Manuel Gutiérrez Nájera “oficiaba de Sumo Pontífice” dos modernistas, descrito pelo poeta Bernardo Ortiz de Montellano como um ambiente “de *sprit*, de gosto pela vida de fina sensualidade literária, [um verdadeiro] cantinho de Paris [no México]” (DÍAZ Y DE OVANDO, 2005, p. 87). Imortalizado no texto homônimo de Arqueles Vela, de suma importância foi o *Café de Nadie*, espaço que congregava os membros do grupo de vanguarda os *Estridentistas*.

Relevantes foram, também, as instituições, como o *Colegio de San Ildefonso*, para reunir os membros do *Ateneo de México*; assim como, décadas mais tarde, para a *Generación del Medio Siglo*, o foram a *Casa del Lago*, onde se realizava a *Leitura em Voz Alta*, e o *Centro Mexicano de Escritores*, âmbito em que se congregavam autores de distintas gerações:

Entre as instituições mais destacadas nesse sentido figura sem dúvida alguma o Centro Mexicano de Escritores. Fundado em 1951 por iniciativa da escritora norte-americana Margaret Shedd. [...] todos [os escritores dessa geração] coincidem em afirmar o importante trabalho de apoio, formação e conhecimento mútuo que teve essa instituição em seus inícios como escritores. (PEREIRA, 2019, p. 191-192)

Vinculados às *instituições* até se confundirem com elas, os grupos se encontravam ali e seus membros identificam suas ideias, consolidando *gerações* e *tradições* literárias.

Se, nos começos, José Joaquín Fernández de Lizardi e José María Heredia aparecem praticamente sozinhos, posteriormente, com *La Academia de Letrán* e o *Liceo Hidalgo*, ganha força a ideia de *grupo*, com seu repertório específico de temas. Importante foi, durante a *República restaurada*, a denominada *República das letras*, com Ignacio Manuel Altamirano como seu presidente simbólico, na opinião de Manuel Gutiérrez Nájera, porque aí se esboça, pela primeira vez, a ideia de *literatura mexicana*, na intenção de constituir um espaço em que convivam, mesmo que no dissenso, diversas tendências literárias e ideológicas. Para o final do século XIX, com o *modernismo*, os grupos ficarão

cada vez mais delimitados, o que explica, a partir de então, a constante renovação de polêmicas em que paira o espírito da célebre disputa entre “os *antigos* e os *modernos*”.

A luta armada que começou em 1911 e que é conhecida como a *revolução mexicana* veio a interromper o relevo geracional que, após o modernismo, correspondia aos brilhantes intelectuais e escritores do *Ateneo de México*, grupo ao qual pertencia aquele que é considerado o escritor mexicano mais notável da primeira metade do século XX: Alfonso Reyes. Daí surgiram figuras como José Vasconcelos, organizador do ensino público, Martín Luis Guzmán, político de primeira linha e extraordinário romancista e intelectual, Julio Torri, Antonio Caso ou o notável crítico literário Pedro Henríquez Ureña.

No século XX, a ideia de grupo continua, para a poesia, nos *Estridentistas*, nos *Contemporáneos* e nos membros da revista *Taller*, enquanto a *Generación del Medio Siglo* representará essa ideia, principalmente, para extraordinários prosistas.

As diversas publicações de coletâneas e antologias, ao longo do século XIX, estabeleceram a nômima dos autores e das obras, consolidando, assim, o *corpus*, o *cânone* e a *Biblioteca* da literatura mexicana. Elas não apenas foram obra de particulares, ricos “homens de negócios, alheios à nobreza colonial, mas que possuíam poder econômico, influência política e prestígio social” (SOLARES ROBLES *apud* MORA, 2018, p. 136), mas também do Estado, que, a partir do governo de Benito Juárez e depois com Porfirio Díaz, participa de maneira decidida, protegendo e fomentando escritores através de incentivos e empregos dentro de sua estrutura, financiando publicações, criando cursos e incluindo livros e autores nos diversos *Livros de texto* e nos *Programas e Planos de estudo*.

Finalmente, quanto à crítica, ela é quiçá o elemento mais importante nesse processo, já que articula os cinco elementos anteriormente descritos. No século XIX, como já foi dito, ela não existia da maneira como a conhecemos atualmente. Exercida por escritores, homens proeminentes e por aquilo que, a partir de 1898, com Émile Zola, será conhecido como *os intelectuais*, ela estava constituída não apenas de opiniões, mas principalmente das polêmicas e debates nesse século belicoso em que era mal vista a crítica chapa branca. Por meio dela, avaliavam-se e se consolidaram obras, autores, gêneros e tradições.

Balanço parcial

É verdade que o período de formação da literatura mexicana consolidada, até a década de 1950, um sistema centralizado, na opinião de Jorge Ruedas de la Serna, muito diferente do Brasil:

não é pertinente extrapolar o processo da formação do sistema literário brasileiro, amplamente descrito pelo professor Candido, para simplesmente aplicá-lo ao mexicano, pelas distintas realidades políticas e culturais entre ambos os países [...]. Enquanto os portugueses levaram a cabo uma colonização mais parecida com a fenícia, de tipo mercantil, os espanhóis, escreveu Sérgio Buarque de Hollanda, transferiram integralmente ao novo mundo suas instituições políticas, sociais e culturais. No Brasil, pelo contrário, a ausência de uma estrutura centralista, como a metropolitana, fez possível uma maior regionalização. Surgindo, no curso da urbanização das distintas províncias, movimentos literários em forma de academias, liceus e congregações diversas. No México, pelo contrário, predominou sempre um forte centralismo cultural, de modo que, até hoje, o sistema literário depende predominantemente do poder central. Para constatar isso, basta examinar qualquer uma de nossas histórias literárias: observar-se-á que os escritores que fazem parte do “repertório nacional” são aqueles que ou nasceram na capital ou migraram para ela. Os que permaneceram na periferia, em geral, não existiram para a história literária. E hoje é lícito perguntar: realmente não existiram? (RUEDAS DE LA SERNA, 2013, p. 22-23)

No entanto, esse fenômeno só começa a mudar a partir da década de 1970. Hoje é possível encontrar autores e obras de outras latitudes do país e que reivindicam não apenas o direito a ter uma *intra-história*, mas também a fazer parte da *literatura mexicana*.

A obra de homenagem a Antonio Candido que foi organizada pelas professoras Maria Angela D’Incao e Eloísa Faria Scarabôtole inclui um registro fotográfico em que é possível observar o mestre em companhia de Oswald de Andrade, Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Florestan Fernandes e outros dos seus pares. Nessas calorosas imagens, colocadas com um carinho muito distante de ser ingênuo, Antonio Candido aparece com alguns dos seus interlocutores na ideia de *formação*. O registro, ao qual faltaria acrescentar Sérgio Buarque de Hollanda, explicita que o trabalho artístico e intelectual não acontece em solitário, mas na interlocução e na sociabilidade *empenhadas*.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Paulo Eduardo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: SCARABÔTOLO, Eloísa Faria; D’INCAO, Maria Angela (Orgs.).

Dentro do texto, dentro da vida - Ensaio sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992. p. 229-261.

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão.* Tradução, prefácio e notas de Márcio Seligmann-Silva. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

BLANCO, José Joaquín. *El lector novohispano.* 6ª ed. México: Ediciones Cal y Arena, 2002.

CAMPOS, Marco Antonio. Nuestras asociaciones: de la Arcadia de México a la Academia de Letrán. In: LUNA, Esther Martínez (Coord.). *HISTORIA DE LAS LITERATURAS EN MÉXICO. Siglo XIX. Dimensiones de la cultura literaria en México (1800-1850) Modelos de sociabilidad, materialidades, géneros y tradiciones intelectuales.* 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades; Instituto de Investigaciones Filológicas; Instituto de Investigaciones Bibliográficas; Facultad de Filosofía y Letras, 2018. p. 147-163.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. (Momentos decisivos). 1º volume. (1750-1836).* 8ª ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia limitada, 1997.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos.* 5ª ed., corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CHIAPPINI, Lígia. Os equívocos da crítica à *Formação*. In: SCARABÓTOLO, Eloísa Faria; D'INCAO, Maria Angela (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida - Ensaio sobre Antonio Candido.* São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992. p. 170-177.

CLARK DE LARA, Belem; GUERRA, Elisa Speckman (Orgs.). *La República de las Letras. Asomos a la cultura escrita del México decimonónico.* Volumen 1: Ambientes, asociaciones y grupos. Movimientos, temas y géneros literarios. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. (Ida y regreso al siglo XIX).

CLARK DE LARA, Belem; GUERRA, Elisa Speckman (Orgs.). *La República de las Letras. Asomos a la cultura escrita del México decimonónico.* Volumen 2: Publicaciones periódicas y otros impresos. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. (Ida y regreso al siglo XIX).

CLARK DE LARA, Belem; GUERRA, Elisa Speckman (Orgs.). *La República de las Letras. Asomos a la cultura escrita del México decimonónico.* Volumen 3: Galería de escritores. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. (Ida y regreso al siglo XIX).

CLARK DE LARA, Belem. *Letras mexicanas del XIX. Modelo de comprensión histórica.* México: Universidad Nacional Autónoma de México; Instituto de Investigaciones filológicas, 2009.

COSTA LIMA, Luiz. Concepção de história literária na «Formação». In: SCARABÓTOLO, Eloísa Faria; D'INCAO, Maria Angela (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida - Ensaio sobre Antonio Candido.* São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992. p. 153-169.

- DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. Prólogo de Álvaro Matute. 2ª ed. México: FCE, 2010.
- DÍAZ Y DE OVANDO, Clementina. El café: refugio de literatos, políticos y de muchos otros ocios. In: CLARK DE LARA, Belem; GUERRA, Elisa Speckman (Orgs.). *La República de las Letras. Asomos a la cultura escrita del México decimonónico*. Volumen 1: Ambientes, asociaciones y grupos. Movimientos, temas y géneros literarios. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. p. 75-88. (Ida y regreso al siglo XIX).
- DOMÍNGUEZ MICHAEL, Christopher. *Antología de la narrativa mexicana del siglo XX*. V. I. 2ª ed. México: FCE, 1996.
- DOMÍNGUEZ MICHAEL, Christopher. *Historia mínima de la literatura mexicana del siglo XIX*. 1ª ed. México: El Colegio de México, 2019.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: Uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FRANCO, Rafael Olea (Org.). *Literatura mexicana del otro fin de siglo*. México: El Colegio de México; Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2001.
- FRANCO, Rafael Olea (Org.). *Doscientos años de narrativa mexicana*. 2 v. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010.
- LABASTIDA, Jaime. En busca del canon perdido (en la literatura de México y de Sinaloa). In: RUEDAS DE LA SERNA, Jorge (Org.). *História e Literatura: Homenagem a Antonio Candido*. Campinas: Editora UNICAMP, Fundação Memorial da América Latina; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. p. 17-34.
- LAJOLO, Marisa. A leitura na *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido. In: RUEDAS DE LA SERNA, Jorge (Org.). *História e Literatura: Homenagem a Antonio Candido*. Campinas: Editora UNICAMP, Fundação Memorial da América Latina; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. p. 51-75.
- LUDMER, Josefina. *Aquí América latina. Una especulación*. 1ª ed. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.
- MARTÍNEZ, José Luis. *La expresión nacional*. 1ª ed. *Cien de México*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1993. (Cien textos fundamentales para el mejor conocimiento de México).
- MARTÍNEZ LUNA, Esther. La explicación de la historia en materia literaria. In: LUNA, Esther Martínez (Coord.). *HISTORIA DE LAS LITERATURAS EN MÉXICO: Siglo XIX*. Dimensiones de la cultura literaria en México (1800-1850). Modelos de sociabilidad, materialidades, géneros y tradiciones intelectuales. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades; Instituto de Investigaciones Filológicas; Instituto de Investigaciones Bibliográficas; Facultad de Filosofía y Letras, 2018. p. 3-17.
- MORA, Pablo. La cultura impresa mexicana como formación literaria: de bibliógrafos, historiadores, editores y literatos ilustrados (1835 – 1850). In: LUNA, Esther Martínez (Coord.). *HISTORIA DE LAS LITERATURAS EN MÉXICO: Siglo XIX*. Dimensiones de la cultura literaria en México (1800-1850). Modelos de

sociabilidad, materialidades, géneros y tradiciones intelectuales. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades; Instituto de Investigaciones Filológicas; Instituto de Investigaciones Bibliográficas; Facultad de Filosofía y Letras, 2018. p. 121-145.

PEREIRA, Armando. La generación del medio siglo. In: DÍAZ, Alberto Vital; OCHOA, Adriana de Teresa (Coord.). *HISTORIA DE LAS LITERATURAS EN MÉXICO: Siglos XX y XXI. Auge y declive del nacionalismo. La cultura literaria entre el compromiso, la ruptura y la tradición (1940-1968)*. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades; Instituto de Investigaciones Filológicas; Instituto de Investigaciones Bibliográficas; Facultad de Filosofía y Letras, 2019. p. 177-201.

ROSADO, José Antonio; CASTAÑÓN, Adolfo. Los años cincuenta: sus obras y ambientes literarios. In: PERERA, Manuel Fernández (Coord.). *La literatura mexicana del siglo XIX*. México: F.C.E.; Conaculta; Universidad Veracruzana, 2008. p. 261-310.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge. *La formación de la literatura nacional (1805 – 1850)*. Tomo I (Prolegómenos). 1ª ed. México: UNAM, 2010.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge. *La formación de la literatura nacional (1805 – 1850)*. Tomo II (Los cimientos del sistema). 1ª ed. México: UNAM, 2013.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge (Org.). *La misión del escritor: Ensayos mexicanos del siglo XIX*. 2ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2014.

Recebido em 16/12/2020

Aceito em 18/01/2021

ⁱ **Víctor Manuel Ramos Lemus** Possui Graduação em *Lengua y Literatura Hispánicas* pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Mestrado e Doutorado em *Teoría Literaria* na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professor do Departamento de Letras Neolatinas da UFRJ e professor no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPG-LEN) na mesma Faculdade. **E-mail:** victormlemus@letras.ufrj.br